

HACHIHO

O CÃO QUE ESPERAVA

—
OBRA
PREMIADA
BASEADA NUMA
HISTÓRIA
REAL
—

LLUÍS PRATS

ILUSTRAÇÕES DE ZUZANNA CELEJ



Primeira Parte

1924 - 1925

I

Bairro de Shibuya, Tóquio. Janeiro de 1924

Um velho comboio apitou preguiçosamente a anunciar que partia da estação de Shibuya para o Sul. Segundos depois, a fumarada da sua chaminé encheu o bairro sujando o azul puríssimo do céu de Tóquio. Nesse mesmo momento, como fazia todas as manhãs, o professor Eisaburo Ueno abriu a janela da cozinha que dava para o rio e os seus lábios curvaram-se, felizes, por ver que as amendoeiras sorriam e o sol dourava os seus primeiros rebentos.

— Vai ser uma primavera como poucas — disse ele, enquanto punha a chaleira ao lume.

De cima chegava-lhe o chape-chape da água. A senhora Yaeko, a sua mulher, estava a tomar um duche, e tanto ela como a sua preciosa filha, Chizuko, iriam descer para tomar o pequeno-almoço daí a dez minutos.

O professor sentou-se na cadeira e esperou até a chaleira começar a apitar como fizera antes o comboio que saía da estação de Shibuya para o Sul. Então, levantou-se e serviu-se cerimoniosamente do chá.

— Humm... — fez ele, cheirando a perfumada infusão que pouco depois começou a deslizar-lhe pela garganta.

Ficou um minuto a saborear o aroma, e depois abriu o *Yomiuri Shimbun* para ler os títulos antes de ser a hora de ir para a estação e apanhar o comboio que o levaria ao bairro da Todai, a Universidade de Tóquio, para dar aulas.



Olhou para o calendário às cores que estava pendurado ao lado das gravuras, que o tio Ibuki lhes tinha oferecido quando se casaram havia vinte e três anos, e viu que era quarta-feira. Ouviu então o barulho de umas sandálias e a senhora Yaeko Ueno entrou na cozinha a murmurar:

— Lembra-te de ir buscar o cão quando voltares à tarde. A tua filha está à espera dele para hoje.

— Ah, sim. O cão... — respondeu ele, que já se tinha esquecido de que umas semanas antes tinham encomendado um cão *akita* para Chizuko.

— Vai chegar esta noite, não é verdade?

— Sim, chega esta tarde ao escritório da estação.

— Hoje, tenho aula de Trigonometria — disse o professor dobrando o jornal. — Talvez se prolongue mais do que o costume, mas vou ter isso presente.

— Sobretudo, não te esqueças — replicou ela, levantando o dedo. — A Chizuko ficaria muito triste. Percebeste ou não?

— Está bem, não me vou esquecer, senhora Yaeko... — resmungou o professor Eisaburo já um pouco farto daquilo do cão *akita* —, prometo solenemente. De qualquer forma, não esqueçamos que é só um animal e não Sua Majestade Imperial.

— Eu sei, professor Ueno — disse a sua mulher. — Mas prometeste-o à tua filha.

— Está bem, está bem — disse ele com vontade de se ir embora para não começar uma discussão doméstica logo de manhã. — Não me vou esquecer.

Enfiou o chapéu na sua cabeça careca como uma nêspira. Pegou no guarda-chuva, na pasta, nos apontamentos de «Trigonometria Aplicada à Agricultura» e despediu-se da sua mulher até à tarde.

Ao passar a porta de casa, invocou respeitosa-mente os antepassados para que tivesse um dia bom, embora talvez não fosse preciso porque o dia estava luminoso.

Ao sair, encontrou o velho Mizuno, que ia deitar fora o lixo, e saudou-o tirando o chapéu. O velho resmungou uma palavra de bom-dia e desapareceu dentro de casa.

«Pobre Mizuno», disse para si mesmo o professor. «Desde a morte do filho, na Batalha de Qingdao, que não levanta cabeça.»

Depois seguiu para a avenida das cerejeiras, virou no caminho do templo e continuou até à concorrida estação de Shibuya. Um elétrico passou roçando-lhe de lado, mas o professor Eisaburo nem se mexeu. Sabia que os elétricos não podem desviar-se

do seu caminho. Nisso eles eram como os comboios, pontuais e fiáveis. Como ele, que nunca tinha falhado uma única aula e cumprira sempre as suas promessas, fossem elas solenes ou não.

Ao chegar à praça, cumprimentou Shuto, a vendedora de doces, verificando com alegria e olhos gulosos que naquele dia ela tinha cozido *wagashis* e *anmitsus* em açúcar. Olhou para aquilo com prazer e a pasteleira cumprimentou-o:

— Bom dia, professor. Então? Apetece-lhe alguma guloseima?

— Talvez na volta, senhora Shuto, talvez na volta... — respondeu-lhe ele, abrindo a porta da estação sem perder de vista os bolinhos, que até parecia terem o seu nome escrito.

— Não se atrase, olhe que são de hoje e depois pode já não haver! — disse ela.

— Farei o que puder, senhora Shuto — sorriu o professor Ueno —, prometo-lho solenemente.





O dia na cidade universitária da Todai foi calmo. O professor Ueno deu as suas aulas de Trigonometria Aplicada à Agricultura e de Regeneração de Terras Secas, teve uma reunião com o decano e, quando faltavam cinco minutos para as cinco da tarde, apanhou de novo o comboio para voltar para o seu bairro.

O comboio bordejou o parque de Chiyoda, que ficava encostado ao Palácio Imperial, e, como de cada vez que passava por lá, o professor Eisaburo Ueno tirou o chapéu em sinal de respeito para com o imperador Taisho e inclinou a cabeça. «Coitado», lamentou-se. Em menino, o imperador tinha sofrido de meningite e há dez anos que quem governava era o seu filho Hirohito. Ainda se contavam anedotas daquele dia em que o imperador Taisho, em vez de desenrolar o discurso que trazia nas mãos, o usou para olhar para a multidão como se fosse um telescópio.

Às cinco e vinte e cinco da tarde, o pequeno comboio a vapor chegou à estação de Shibuya, e das suas portas de madeira começaram a sair os passageiros. Os senhores ajudavam as senhoras, vestidas com quimonos de seda coloridos cosidos pela senhora Hiziguo ou pela senhora Hiziguro, as duas modistas mais importantes e reconhecidas

daquele bairro abastado de Tóquio, pegando-lhes na mão para não caírem na plataforma. As crianças, que voltavam da escola, corriam para a porta que dava para a pequena praça das três cerejeiras. E no fim deles todos, como se não tivesse nenhuma pressa, batendo nos paralelepípedos com a sua bengala de ponta prateada, o professor Eisaburo Ueno caminhava meio a sorrir recordando os piropos e as palavras amáveis que um jovem oficial do exército tinha dirigido a uma jovem estudante da universidade e como ela tinha sorrido enquanto as suas faces coravam.

— Ai, o amor! — disse ele.

Como fazia todos os dias há mais de vinte anos, o professor Eisaburo Ueno foi o último passageiro a abandonar a estação e a passar as portas vermelhas, e depois de comprar um delicioso *wagashi* à senhora Shuto, dirigiu-se para casa enquanto o barulho da cidade se apagava e as pessoas se reclusam nos seus domicílios, onde as pequenas chaminés anunciavam que tinha chegado a hora de jantar.

Voltou pela avenida de Inokashira deliciando-se a pensar se a senhora Ueno teria cozinhado o atum como ele gostava, com sésamo e ervilhas, e uma tigela de arroz a fumegar acabado de cozer.

Por isso, ao chegar a casa, descalçou-se, deixou a bengala e o guarda-chuva no porta-guarda-chuvas e entrou na cozinha a cantarolar *A Canção do Kachuusha*, da grande Matsui Sumako.

Ao ouvi-lo entrar na cozinha, a sua mulher, que estava no lava-louça a escolher o peixe, virou-se e, antes de lhe desejar boa-noite, explodiu:

— O cão?


O professor Ueno ficou paralisado à porta sem saber o que responder. Tinha-se esquecido totalmente do *akita* para a filha.

— O que é que tu tens na cabeça? — exclamou ela, assinalando-lhe a testa com uma faca ao perceber que não havia cão nem memória.

«Mas que distraído! Em que é que eu estaria a pensar?», lamentou-se o professor Ueno. «Talvez no bolinho da senhora Shuto.»

E sorriu, lambendo os beiços.

O professor Ueno deu imediatamente meia-volta e chamou Kikuzaburo, o jardineiro com cara de poucos amigos que trabalhava lá em casa, para voltar à estação antes de os correios fecharem.

A watercolor illustration of a train station platform. A brown dog, Hachiko, is sitting on the platform, looking towards the right. Above the dog, a wooden structure holds several hanging lanterns. To the right, a train is partially visible. The background is a light, textured wash with small white specks.

O professor Ueno é um homem íntegro e disciplinado, de horários e costumes rígidos, que trabalha na universidade de Tóquio. Um dia, traz um cão para casa, o *Hachiko*, e tornam-se inseparáveis. Mais do que alterar as rotinas do professor, esta nova companhia vai levá-lo apreciar a beleza das pequenas coisas e juntos constroem uma profunda amizade.

Este livro, premiado, baseia-se numa história real que tem cativado pessoas em todo o mundo e que foi alvo das mais variadas adaptações, nomeadamente para literatura e cinema. Uma história de fidelidade de um cão para com o seu dono, a que nem a morte consegue pôr fim.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt

  [penguinkidspt](https://www.instagram.com/penguinkidspt)

ISBN 9789896235888



9 789896 235888 >